



ICONOGRAFIA
PARA A HISTORIA DO AÇUCAR
NO BRASI CLONIAL

VOL. III

664.1098103
I 12
V.3

DI / Dln / BIBLIOTECA
REGISTRO N.º 10251
DATA 9 6 36
L. A. A.



VI
VISTA PARCIAL
DO VELHO ENGENHO NO BRASIL
D
A CASA GRANDE

A CASA GRANDE
DO ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS
EM SÃO VICENTE

A Casa grande é o nome que, no interior do Brasil, se dava e ainda se aplica à habitação dos senhores de engenhos ou proprietários de fazendas, donos das terras em torno, onde se erguem as casas dos moradores ou agregados, de antes as senzalas das estâncias. É o solar fazendeiro. Frequentemente empregado pelos escritores regionalistas, para aqui transcrevemos o período com que Mario Sette fecha o seu romance "Senhora de Engenho": "Certando o silêncio, lá fora, num guincho remorrido, num baque surdo, a porteira do engenho deixava entrar um carro, vindo de longe a rechinar_- guincho doloroso e baque decisivo que ela ouviria, com lágrimas nos olhos na manhã bem próxima de sua partida, pelas estradas cheias de sol, cheirosas de mel, deixando para trás, muito para trás, a casa grande de Águas Claras, tão branca, tão risonha, plantada no teso verde do outeiro...". Registrando este apelativo A Taunay diz ser a designação da morada do fazendeiro nas propriedades agrícolas de São Paulo, o que evidentemente restringe a área geográfica de sua aplicação; Na Bahia, principalmente na zona do açúcar, a habitação do senhor de engenho era designada sobrado. José Wanderley de Pinho em seu magnífico volume "Cotegipe e seu tempo" registra a seguinte nota: "Em Pernambuco a casa de moradia do senhor de engenho chama-se - Casa Grande; na Bahia - sobrado" (Bernardino José de Souza, Dicionário da terra e da Gente do Brasil, S. Paulo, 1939, pg. 116).



A CASA GRANDE
DO ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMO
EM SÃO VICENTE

(da sec. XVI)
A Casa grande do engenho que o colonizador começou, ainda no séc. XVI, a levantar no Brasil- grossas paredes de taipa ou de pedra e cal coberta de palha ou de telha va, alpendro na frente e dos lados, telhados saldos num maximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais- não foi nenhuma reprodução das casa portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao novo ambiente físico e a uma fase surpreendente inesperada, do imperealismo português: sua atividade agrária e sedentária nos tropicos, seu patriarchalismo rural e escravocrata (Gilberto Freyre, Casa-grande & Senzala, 1936, pr.IV).



CASA GRANDE DE UM ENGOMEN
LAFRANCO NO DOMÍNIO DO

Antigas casas residenciais, do tempo colonial, e também a arte profana de construção, ainda hoje, no Brasil, tem predileção pelo alpendre na frente, já usado aqui, há séculos, como nos mostra longa série de velhas fazendas e habitações do tempo colonial.



No Brasil, a casa com patio como existe nos países
hispano-americanos não se fixou por causa do clima quente e
humido, parecer impróprio, pois ao redor do patio fechado estão
situadas as peças da habitação com pequenas janelas exteriores.
A aeração é por isso difícil de. O longo tempo das chuvas
separa os moradores do mundo exterior, por isso se constroem, aqui,
o tipo de casa com alpendre, com as varandas arafadas. A
foi colocada completamente ou em parte ao redor da casa.



CASA GRANDE, COM TORRE, NA CASA FORTI
(IMBAMBURU)

Esta casa achu-se perto da campina em que se travou grande
combate entre os holandeses e brasileiros(Gilberto Freyre,
Casa-grande etc.).



*Casa grande, com tor-
re na Casa Forte (Per-
nambuco), perto da
campina em que se
traiou grande com-
bate entre os hollan-
deses e os bras leiros*



THE UNIVERSITY OF CHICAGO



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

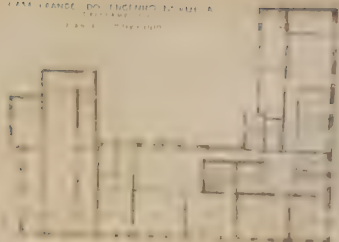
LIBRARY

CHICAGO, ILL. 60637





PLAN GRANGE, DO. ENCANTO, N. 400. A
ENCANTO, N. 400. A
ENCANTO, N. 400. A



PLAN GRANGE, DO. ENCANTO, N. 400. B
ENCANTO, N. 400. B
ENCANTO, N. 400. B



CASA - GRANDE EM RUINAS

(perto de Olinda,

(Fotogr. de José M. C. de Albuquerque e Vello,
do livro de Gilberto Freyre, "Casa-grande & favela",



View of the building from the front
taken in 1880. The building was
then used as a school.





— *Il libro della cucina* —

CON CARTELLI, MODI E RICETTE



2000
1000

... DE MANDIOCA E O MELADO DE I N H O M I R I M

Maurício Lamberg, o autor do livro "Brasilien, Land und Leute, Leipzig, 1932, visitou no ano 1886 um antigo engenho de açúcar que pertencera antigamente aos jesuítas. Ele escreveu sobre esta visita: "Na companhia de alguns alunos da escola agrícola de São Bento das Lages (Gaia) fiz excursões nas fazendas de cana e de mandioca existentes no engenho Gorgalea.

A casa do moradia era um velho convento de jesuítas, que tinha mais de duzentos anos e cuja capela e os jardins estavam regularmente conservados. Além disso, essa grande propriedade tinha fundido um estabelecimento, construído sob do edifício submetido em seu proveito os habitantes primitivos, a então de típicos ocupada com a cultura de cana e de mandioca. Era noite quando aqui era tudo civilizado. - Era noite quando os cavalos atrelados a um carro de madeira, e alguns cavalos silenciosos e mudos estavam sentados, em torno de longa e pesada mesa de carvalho, várias pessoas idosas cujas fisionomias descompontas harmonizavam com esta antiga casa. - E essa redenção fomos nós que a trouxemos. A situação mudou repentinamente: os nossos jovens amigos resuscitaram essa sociedade petrificada, como toda a casa. De todos os cantos acitaram escravos e escravas a saudarem João e a servir-nos. Um homem simpático com barba grisalha e olhos relucetes, de botas e sapatos, e alguns outros...

... mia franca e decidida e os seus modos de cavalheiro fizeram-me logo simpatizar com ele. No dia seguinte levou-me a todos os pontos da casa e do engenho.



[illegible]

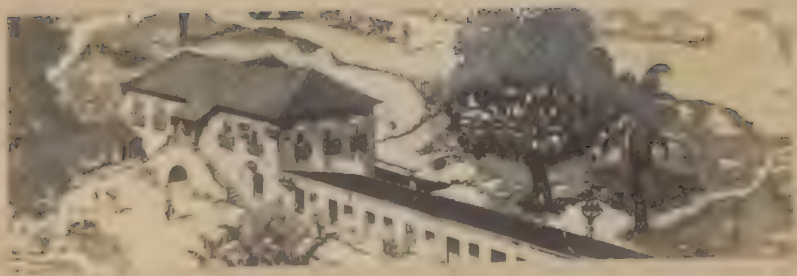


CASA GRANDE E ZENILIA NO AONDE
(Detalhe de um desenho de M.

O engenheiro francês Vauthier visitou um engenho em Pernambuco e escreveu sobre o solar: "grande e comprido edificio, tendo tres faces que dão para um patio e a quarta para uma especie de jardim maltratado sobre a mais longa das tres faces, correspondente ao patio, no res do chão, especie de claustro, cujo acesso se faz por alguns degraus em ruína. Essa fachada dá para o leste. Sobre a face sul fica a escada principal, coberta por uma parte do teto que se projeta além das paredes da fachada e é sustentada por tres colunas".

Vauthier continua um pouco mais tarde: "A coza alias era magnifica, servida com a salinha com que havia sido confeccionada, etc. etc. Estivego farto, a prisão do ambiente se lhe tornara mais palpitante, e a fumar um charuto, aguardando a hora de dormir, gozava aquelle doce espectáculo; a noite estava muito bonita, a lua cheia, o ar fresco e agradável. O gado, de volta, ao engenho, delirava-se no patio. O engenho, em face da casa, continuava a trabalhar. claridade: via-se passar os cavalos e pelo campo da charrina das caldas ras de assucar saia um longo jato de chama e fumaça.

Afinal a dormida em cama de vento com cortinado de musolina es-tampada, sem colchão, com lençoes guardados de musolina, um rolo-zinho de franja e um pequeno travesseiro em octavo de jacunda." (Pi ho, pg. 22)



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637



CASA GRANDE DO POMBA.

onde se o brasão do Visconde de Albuquerque.

[Fotogr. de José Maria C. de Albuquerque e Mello]



II
VISTA PARCIAL
DO TERMO EXTERNO DO BRASIL

A JORNADA





A SENZALA DO ENGENHO DE I O F F ..
perto de Pernambuco
(desenho do livro de James Henderson,
A Histori of Brasil, London 1821)

As senzalas nemham conforto ofereciam aos pobres africanos
que dormiam em promiscuidade, e a oito, em imundas tarimbos, ou
no chão. Tavam muito baixas, de duas ou de quatro aguas, e, nas
construções mais ricas, feitas em arcadas com catacumbas. Alli
se passavam as horrendas tragedias do captiveiro(Brito)pag.



Os negros da fazenda, casados ou não, habitam compartimentos
fechados em filas ou por grupos, os quais a noite após a refeição
Essa medida é quase geral e tem por fim prevenir as evasões, os
encontros sediciosos, as entrevistas de amor, as intemperanças e
a preguiça. A disciplina é tirante, tirante a disciplina
ergastulos da campanha romana dos antigos tempos (Charles Hilde-
rilles, "Brasil Pitoresco" 2.º vol., São Paulo).



SENZALAS

1871

Declaración de Residencia



SENZALA DO ENGENHO "NORUEGA"
(Detalhe de um desenho de cicero Dias)

As senzalas são construídas de barro cobertas de palhas ou
telhas e muitas vezes são fechadas com grades de madeira. As vezes
ordinárias, mas algumas, sobretudo, das antigas, são de
pedra, e algumas a mais modernas, de ferro e de
cimento, e algumas de madeira e de ferro. (Ribeiro, II, p. 42).



MUCAMBO DO NOROESTE
(Tela de Istmilowitch;
da obra de Gilb.Freire)

Em varios estudos do norte se denomina mucambo ou mocambinho a choça ou rancho, quer para habitação, quer para abrigo dos que cuidam das roças ou lavouras (E.J.de Sousa, Dicionario da Terra e da Gente do Brasil, Sao Paulo, 1939).

Foi a classe dos moradores que morava nestas cabanas.

O morador era um habitante qe vivia a parte pagando uma certa renda ao proprietario. O que cabia a este era a decima parte do produto bruto de suas colheitas.

Essa gente constituia a verdadeira plebe do Brasil (Lemos Brito, Pontos de Partida para a Historia Economica do Brasil, Sao Paulo, 1939).



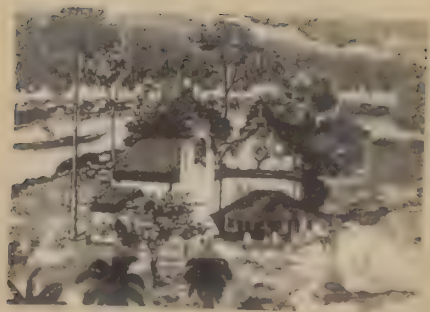






CAPELA DE UM ENGENHO NO NORDESTE DO BRASIL

Os senhores que os serviam os pastores tinham: A obediência absoluta, a humildade, o trabalho, a resignação. Os padres católicos, no Brasil, não evangelizavam: preenchem funcões. Servem os senhores que os serviam. Os senhores que os serviam servem os senhores que os remuneram(Ribeyrolles,II,P.36).



A de ventos fronteiras ao arrial de l
re ao município de Itaquahy. A photographia mo
no (NúclHO) onde em 1730 -- l
trabalha para invadir a dade do
erra com resoluções e com o
e a l
su fonte ve









"Transporte de guerra para o Brasil
no principio
do sec. XVI"

(da obra de Barleus)

O meio de transporte mais importante do Brasil foi
o carro de bois. Tão maximo facto foi o motivo para
o ministro Sr. Dr. Bernardino José de Sousa preparar
uma obra sobre o ciclo do carro de bois no Brasil:

"Atualmente com o 1º mil carros de bois ainda
continua em actividade no Brasil, prestando numerosos
serviços principalmente com a escassez de combatives".



Transporte da cana no séc.XVII

Cortado a cana, transportam-na para o engenho no mesmo dia, ou no dia seguinte. Os carros que servem para esse fim são toscos, de duas rodas, extraordinariamente pesados, mas fortes, descansando em uma eixo de madeira da grossura de um arvore, a que estão presas duas rodas cheias colossaes. Além dos pregos e dos arcos das rodas, não ha nes-e carro, nenhuma peça de ferro. Não ameitam os eixos, de sorte que, ja de muito longe se ouve o ruido desses carros que costumam ser puxados por oito béis. Vão a passo, atravessam ateleiros, atravessam matas espessas, abrem caminha atravez do mato e é raro acontecer que se quebrem (Lamberg, pag. 129).



Transporte de omnia em Rio de Janeiro no séc. 19

Quanto ao transporte de passageiros, desde o século XVIII, os carretões de madeira, puxados por mulas ou bois, eram os mais comuns. Em 1808, quando a família real portuguesa chegou ao Brasil, os carretões eram usados para transportar a corte e seus acompanhantes. Em 1820, os carretões eram usados para transportar os passageiros das viagens de longa distância. Em 1830, os carretões eram usados para transportar os passageiros das viagens de curta distância. Em 1840, os carretões eram usados para transportar os passageiros das viagens de longa distância. Em 1850, os carretões eram usados para transportar os passageiros das viagens de curta distância. Em 1860, os carretões eram usados para transportar os passageiros das viagens de longa distância. Em 1870, os carretões eram usados para transportar os passageiros das viagens de curta distância. Em 1880, os carretões eram usados para transportar os passageiros das viagens de longa distância. Em 1890, os carretões eram usados para transportar os passageiros das viagens de curta distância. (Lanberg, pag. 129).





Transporte de cana de açúcar
em Rio de Janeiro no sec.

XIX



Usina, canaviais, cas de lavrador e carro-de-bois do séc. XX
no Nordeste do Brasil

(Des. de M. R a n d e i r a)

Aqui nao ha grande diferenca entre a paisagem do fim
do tempo colonial e aquele de hoje. Entretanto cada vez mais
o carro toco é desaparecendo.



Transporte de cana de açúcar no Norte do Brasil
no séc. XX

Usa-se hoje da mesma espécie de carro, da mesma forma
das rodas como as usava-se desde muitos séculos e mesmo
milenarios.



Transporte de cana de açúcar no fim do séc. XIX
em São Paulo



TRANSPORTE DE CANA DE AÇÚCAR PARA UM ENGENHOCO

EM R E D E M Ç A O

(S. Paulo)

(Fot. do Boletim da Agricultura de S. Paulo)



VIII

PLANTING

PLANTING

J. C. AGNEW

CAIXOTAMENTO E PESAGEM DE ACUCAR NO COMEÇO

DO SÉCULO VINTO

(Litografia de Victor Frond)

Ja vimos como o açúcar produzião nos engenho. Mas
durante somente das lavouras do propriet. r. o. das alheias. A
zia-se a parte tocante a fabrica do açúcar do açúcar.
Partes cujas se enchiam do produto acabado para agricultores
estranho, quantas para o dono do engenho, aumentado ainda o quin-
haço deste com a percentagem do ajuste, se a terra era de renda.
Parte verdadeiramente leonina do grande proprietario
(Azevedo, pag. 238).



ENCAIXOTAMENTO E PESAGEM DE AÇÚCAR

de açúcar

ENCAIXOTAMENTO DE ACUCAR NO COMEÇO DO SEC.XX

(Litografia de Victor Frond)

os pacotes eram envolvidos em folhas de palmeira e o pé
recebia uma tampa do mesmo material, depois do que os encerravam
em um pano de linho



PESAGEM DE AÇUCAR

(Detalhe de uma litografia de Victor Prond)

Como o peso asignalado pelo vendedor nem sempre coincidia com o peso real da caixa, foi ordenado pelo governo holandez que, em Recife e Fredericia, toda caixa de açucar fosse repesada na balança official (Nätjen, pag. 43b).



CARRO PARA O TRANSPORTE DE AÇÚCAR
Litografia de Victor Frond

Em carros de bois, em canoas e, quando os engenhos ficavam longe dos centros de comércio, também em barcas vinha o açúcar para a praça, onde era oferecido à venda, pelos produtores ou seus representantes (Artjen, pag. 434).



CARRO PARA O TRANSPORTE DE ACÚCAR

Carro de bois para o transporte de açucar
no começo do século XIX

(Detalhe de uma litografia de V.Frond)

Ve-se as típicas caixas como se usavam para o
transporte de açúcar.



A TROPA. UM DOS MEIOS DE TRANSPORTE DE ACUCAR NO INTERIOR

As grandes plantações do Norte estão, em geral, no litoral
e a parte da estrada de ferro que se estende para o interior tem pouco valor
de rodagem que ha, as situadas no interior pouco valor ter,

No interior, os fazendeiros occupam-se mais com criação de
gado, e a estrada de ferro que se estende para o interior tem pouco
valor de rodagem que ha, as situadas no interior pouco valor ter,
e a parte da estrada de ferro que se estende para o interior tem pouco
valor de rodagem que ha, as situadas no interior pouco valor ter,
e a parte da estrada de ferro que se estende para o interior tem pouco
valor de rodagem que ha, as situadas no interior pouco valor ter,



Repouso de uma C A R A V A N A

(Des. de Rugendas)

Cada tropa tem o seu tropeiro. Andam por dia cerca de trinta kilometros e pernoitam nos ranchos, onde os animais são descarregados, bebem e pastam. Essas tropas têm muitas vezes de passar por caminhos tão ruins, que só a coragem dos tropeiros e o passo seguro e cauteloso dos burros, são capazes de vencer as dificuldades da marcha. Mesmo no literal, no tempo das chuvas, os caminhos se tornam intransitáveis, de sorte que uma viagem a cavalo, mesmo curta, demanda certa coragem. Quem nunca passou por ali, não pode fazer a menor idéa das dificuldades que há de vencer e dos perigos que se têm de evitar com cautela (Lamberg, 82).



Carta para J. M. de Almeida, do Rio de Janeiro
em 18 de Maio de 1911.

(Detalhe de um desenho de F. Bandeira)



CARAVELA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI. ESPECIALMENTE
USADOS PARA TRANSPORTAR PAO DO BRASIL, MANDIOCA

ALUMAS

(Reconstituição sobre documentos cévos)



NAU PORTUGUESA NO TEMPO DO DESCOBRIMENTO

DO BRASIL.

(Reconstituição sobre documentos coevos)

A INDIA era uma empresa falida; sem vantagens economicas para a nação em geral e onerosa por fim para o Estado Por todas as razões, portanto, economicas, politicas e de sentimento se justifica a primazia invocada para O BRASIL.

Em 1600 a frota, que regressava ao reino, constava de 74 navios, em que vinham 21 mil caixas de açúcar, pelo menos 736 mil arrobas, valendo cerca 1;600 contos (Azevedo, pag.271).





17

CONSTITUIÇÃO DO PAÍS SOCIAL
DO PAÍS SOCIAL

CONSTITUIÇÃO DO PAÍS SOCIAL
CONSTITUIÇÃO DO PAÍS SOCIAL

TRAJES DOS HABITANTES DE PERNAMBUCO DO SÉCULO XVII

(Grav. a buril feita por A. Meyer cerca 1644 grav. de
Amsterdam da escola flamenga; seg. Mionhof-Vasc.)

As sesmarias em que se podiam elevar engenhos moentes e
correntes, situadas em meio de terras férteis, eram em extremo
apreciadas, pois representavam uma fortuna, e so foram cedidas
aos proximos aos primeiros governos da capitania, ou aos que
se impunham pelos recursos, dando principio aos feudos que se
tornaram tradicionais no Nordeste, os Albuquerque Melo e
Cavalcantis em Goiana, Lins em Porto Calvo, Gomes da Silveira na
Paraíba, Sôares nas Alagoas, Paes Barreto no Cabo de S. Agostinho,
e todos mais que illustram a Nobiliarchia Pernambucana de
Antonio Borges da Fonseca (Prado, Pernamb., vol. IV, pag. 186).

Foram os senhores de engenho que desdobravam o maior luxo
em Pernambuco. Escreve Antonil sobre eles: "O ser senhor de engenho
é título o que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido,
obedecido e respeitado de muitos (B.J. de Souza, p. 368).



TRAIRES DOS ALIANTES A BERNARDO DE ALMEIDA

Jantar numa fazenda brasileira
no tempo colonial

Desenho de D E R R E T

Grande numero dos senhores de engenho gostavam a maos
rotas em festas, jantares e vestuario. Cobriam os leitos e mesas
com panos de Damasco, franjados de ouro.

Segundo os testemunhos dos tempos coloniais, nenhum
senhor tinha no trajar, dentro do lar, onde vestiam chita,
calçavam chinelas ou galochas, e não usavam gravata ou
qualquer peça encommoda de vestuario (Brito, pag. 401)



VISITA NUMA FAZ
NO TEMPO COLONIAL

(De senho de Dbret)

A vaidade de possuir muita terra, numerosa escravatura, e clientela submissa de agregados e rendeiros, impelia a presunção habitual e a vida faustosa. De onde provinha endividarem-se largamente alguns destes magnatas. A outros, os mais ricos, computava-se a cabedal em 40, 60 e 80 mil cruzados (Azeveda, pag. 268).

Se os próprios senhores trajavam panos caros e as criadas usavam balagandas de ouro e prata, fácil é de ver a que ponto chegava o luxo dos grandes senhores de engenho e de seus parentes. Trajavam veludo e sedas, e usavam joias custosas. Sahiam em palanquins e cadeirinhas. Dezenas de escravos estavam a serviço domestico, desfalcando as lavouras (Brito, pag. 401).



Portrait of the family

... e a senhora de enghenho sahiam era num
apuro extraordinario. Montavam de casaco em linaes animaes,
usando botas curtas e esporas de prata quando nao revestidos de
prata os loros cabeçadas e rabichos.

(Detalhe de uma gravura da obra de Barleus)

Quando o senhor e a senhora de enghenho sahiam era num
apuro extraordinario. Montavam de casaco em linaes animaes,
usando botas curtas e esporas de prata quando nao revestidos de
prata os loros cabeçadas e rabichos.

Faziam-se acompanhar de um pagem, trajando libré
e cavalgando quasi sempre, em signal de distincão, um cavallo pempa
(Brito, pag. 401).



SENHOR E SENHORA DE ENGENHO VOLTAM DA CIDADE (SEC.XIX)
Da obra de K O S T E R

O barão fazendeiro quando passava pela cidade mais próxima, de chapéo de chile de abas largas na cabeça, de botas de montar fortes e altas, fazendo barulho com as pesadas esporas de prata e brandindo o rijo chicote, era por todos cumprimentado. Todas punham-se ao seu dispor, porque ele era a fonte de riqueza, que espalhava os seus raios dourados por todos os lados. Recebia essas homenagens com um orgulho de caipira, como se lhe fossem devidas e naturais. Sentia-se forte e era, nas suas extensas propriedades, senhor absoluto; quem chegara as imediações das suas fazendas devia-lhe. Na época da colheita corria-lhe ouro em abundância sob a forma do açúcar. Era, com efeito, para ele que centenas de escravos trabalhavam com o suor do seu rosto, e este suor transformava-se-lhe em ouro. O açúcar e o algodão obtinham nesse tempo alto preço. Todos os bancos e todos os capitalistas abriam-lhe, cheios de atenções as suas burras.



CADREIRINHO EM PERNAMBUCO NO SECULO XVIII

(Do livro de Henderson)



Cadeirinho em Pernambuco no século XIX

(Da obra de Koster)



SENHOR DE ENGENHO NO COMEÇO DO SÉCULO XIX

(Da obra de Kidder e Fletcher)

O valor total da exportação, no mínimo 80 % pertencem ao açúcar. Em virtude desse predomínio, a indústria determinou a estruturação da população, o seu nível de vida durante séculos: a alguns senhores ricos se contrapunha a grande massa da população livre e dos escravos.

"Acana" diz um escritor de 1700 "é uma planta aristocrática, porque exige a posse de um grande capital de fundo, de muitas terras e muita força de trabalho. A posse de uma plantação com engenho confere uma espécie de nobreza, fala-se com reverência diante de um "senhor de engenho" e vir a ~~xxx~~ ~~ss-lo~~ é o alvo da ambição de todos.

Quando aquele que ocupa essa posição é o ~~qmm~~ que deve ser - um homem rico, que sabe portar-se pode-se dar aquele título o mesmo valor que aos títulos de nobreza do reino"
(Lippmann, 382/83)



SENHOR DE ENGENHO DO SÉCULO XIX

Os grandes proprietários de terras compoem-se de nobres e de oficiais licenciados. Eram em geral fidalgos, isto é comendadores, barões e condes, dos quaes ainda ficou um resto dos antigos tempos; enquanto que os novos fazendeiros são na maioria medicos ou formados em direito (Lamberg, pag.80).

O senhor de engenho constituiu-se desde os primeiros tempos da colonia um tipo curioso e sua personalidade transmitiu-se até ao imperio sem grandes alterações nos habitos, a não ser depois que muitos deles foram chamados aos bastos da administração e da politica. Então inumeros perderam aquelle ar presumido e aquella voz impetuosa e aqui dia a que chamam Augusto de Saint Hilaire.



(Col. A. Jacobina Lacombe)

[illegible][illegible]

Hoje o engenho desapareceu e até as próprias ruínas
das paredes, das moinheiras, do casarão, do moinho, do tanque
e do açude não se vê mais. Tudo foi destruído e o lugar ficou
totalmente desabitado. Não restou mais nada ali, exceto o nome
de Wanderley-Pinho, pag. 184).



CONDESSA DE BARRAL E PEDRA-BRANCA
Tela de Winterhalter
(Col. Marquês de Barral Monferrat)

Vivendo a principio na Europa e depois na Bahia, mais no Rio de Janeiro com o pai já velho de idade na cidade, foi em 1856 que a condessa de Barral fez sua aparição na corte.

Nenhuma mulher daquela época teve igual poder social e politico.

As viagens com o pai, a convivencia europeia completariam a educação de Barral e depois de voltar ao Brasil, ela se tornou a dama de seu tempo.

E, no que o ambiente dos engenhos podia alterar os habitos aristocraticos europeus, a condessa de Barral se tornou a dama de seu tempo. (Tanderley Pinho).



A CONDESSA DE BARRAL
EM SUA APARTAMENTO DE P A R I S

Era a Condessa de Barral excepcionalmente adaptavel
aos varios meios em que viveu: cortes de reis, na França de Luis
Filipe, no Rio de Janeiro e na Petropolis de Pedro II; entourage
de exilados reais; uma capital de provincia, como a Bahia; um
engenho do Recôncavo, como São José (Wanderley-Pinho, Pag. 186).



BARÕES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XIX (col. Augusto Rodrigues)

Em 1869 agitou-se a alta sociedade pernambucana para receber e cortejar a Sua Majestade. A cidade paramentou-se de galas, luminários, arcos, corotos ou palacetos. Pedro II exclamou com vivo entusiasmo: "Pernambuco é um céu aberto".

Em numerosas excursões aos lugares históricos e estabelecimentos industriais o imperador teve oportunidade de aceitar homenagens e reverências dos senhores de engenho.

Francisco de Rego Barros de Lacerda e seus parentes, os Sa e Albuquerque recebem a Sua Majestade com rigores de etiqueta no engenho Guararapes; o dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha, poucos meses depois hospeda-a no engenho Monjope; o dr. Francisco de Paula Rodrigues de Almeida honra-se de ter o imperador sob os tetos do sobrado do engenho Itapirema; o comendador Antonio de Sousa Leão, desdobra-se em mesuras e amabilidades durante as horas em que no engenho Morenos sentou-se Sua Majestade mesa lauta de almoço e a luxuosa mesa do jantar; o tenente-coronel Francisco Antonio Pereira da Silva agasalha-o no engenho Catende.

E na cidade, no Recife daquela meado do século, sucedem-se as homenagens e solenidades em que as damas de Pernambuco resplandecem com pompa e distinção iguais as da corte (Wanderley-Pinho, pag. 59 e 61).



ASILO DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE NA B A H I A
(Des. de Rugendas)

No inverno, isto é nos tempos das chuvas, durante o qual o trabalho é tão ativo, ia o fazendeiro com toda a família para a capital da provincia e vivia ali, segundo a sua posição, em pé não menor como na fazenda. Este periodo era o tempo do ouro dos negociantes e industriais. Eram sobretudo os joalheiros os que faziam melhor negocio.

O fazendeiro rico comprava como fidalgo. Adinheiro ou fiado, isso pouco importava: comprava com a maior calma, sem se incomodar com o futuro. Se emprehendia com a familia uma viagem a Europa, isto é, a Lisboa e a Paris, a sua fortuna recebi um golpe muitas vezes incuravel, e depois de longos malogros e experiencias, ia afinal pela agua abaixo (Lamberg, pag. 78).



Açilo de Nona Senhora da Piedade na Bahia

Missa na igreja de Nossa Senhora da Candelária,

em PERNAMBUCO

(Casamento de um fazendeiro?)

Desenho de Rugendas



MISSA NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA, EM PERNAMBUCO

FAMÍLIA DE F.
(engenheiro de)

Na fase de apurar, os engenhos eram os centros de civilização e foram o início de muitas cidades e vilas importantes. Nas "casas grandes" porém, não havia a preocupação de interiores mobiliários ou decorações de interior. O bom gosto não existia. (Os artistas só poderiam surgir e trabalhar a sombra da igreja. As primeiras manifestações artísticas saíram do convento ou ele vieram se abrigar). F. Aquarone, Hist das Arte no Brasil, pag. 34)

A casa do senhor de engenho e fazendeiro estava aberta a todas as pessoas que o quizessem visitar, e a todas os viajantes. Dessa hospitalidade abusava a tudo toda a sorte de gente duvidosa e ie parasitas, que viviam por longo tempo a custa do fazendeiro e passavam vida regalada. Viviam-se a larga, e muitos amigos, mas, ainda mais companheiros políticos ou freguezes, sentavam-se a mesa abundante e farta. Além disso, cada fazendeiro tinha um certo numero de agregados, que poderiam ser comparados aos clientes de uma casa de putícios da antiga Roma, e que levam boa vida na fazenda, a maior parte com a família, sem fazerem o menor trabalho (Lamberg, pag. 75).



FAMILIA DE PLANTADORES



FAMILIA DE PLANTADORES

UMA CENA DE INTERIOR
(Desenho de J.C. Guillobel, em 1814)

Cada filho do casal tinha o seu preto de serviço, e cada filha e sua cria. Era um desperdício inacreditável (Brito, pág.403).



Uma cena de interior
1880-1890

Tudo isto, porém, mudou. Agora, o fazendeiro vive nas suas lavouras em condições mais ou menos restritas, as preocupações continuam, porque apenas encontra os trabalhadores necessários para cultivar uma pequena parte da fazenda e precisa de esforços e de circumspeção para obter os meios de pagá-los. Além disso, esses trabalhadores são indolentes e preguiçosos, muitíssimos exigentes, e o trabalho é mal feito e descuidado.

É que as coisas mudaram inteiramente. Enquanto que outrora os fazendeiros eram senhores absolutos dos seus trabalhadores, hoje são estes que tiranizam os fazendeiros. Dissipação, luxo, baixelas principescas, exércitos de criados, são coisas que já não se encontram nas fazendas, muito embora ainda hoje não se tenha ali introduzido um sistema radical de economia. Não se compreende ainda o que isso seja.

Agora, quando o fazendeiro chega a cidade, ninguém se ocupa com ele, pelo contrário, os negociantes com os quais entra em negócios chegam a tratá-lo com certa desconfiança. Alguns olham para ele com de dem, que procuram disfarçar. Os banqueiros e os capitalistas são-lhe mais inacessíveis do que no mais infame negociante. - Há, por certo, alguns fazendeiros ricos, normais em Pernambuco, mas são excepções (Lamberg, pag. 76).



UMA "J U N T A" EM PERNAMBUCO
(res. de Eugénio)

De onde veio a decadência da industria açucareira no Brasil? São tres as causas principais:

A mania do desperdício e a politica, isto é, a compra de votos para as eleições.

A baixa dos preços do algodão e do açúcar - o primeiro por causa da terminação da guerra de secessão da America do Norte, o segundo pelo enorme desenvolvimento da industria açucareira na Europa.

A emancipação dos escravos.

Quando era epocha das eleições das camaras, não havia Minheiro que chegasse para o seu correspondente satisfazer as despesas (Larberg, pag. 77).



IN. LOS VISITAM A CASA-GRAN E

(Desenho de Rugendas,



A FILHA DO SENHOR DE ENGENHO

Costumes da B A H I A

(desenho de Rugendas)



A FILHA DO SENHOR DE ENGENHO
(Desenho de Rugendas)



CASA DE HABITAÇÃO DE UM SENHOR DE ENGENHO

EM BAHIA

Fazendeiros e colonos levam nas propriedades uma vida essencialmente rural. As necessidades de comércio e de convívio social determinaram contudo a criação de curiosos de aglomerações. Se o Brasil não conhece a forma aldeia, conhece contudo inúmeras pequenas cidades que se encontram no interior, separadas por uns quinze a vinte quilômetros em média. Mas neste país essencialmente rural, a cidade foi, durante muito tempo, um anexo a fazenda. A maioria dessas cidades é obras dos fazendeiros; a necessidade de vida social incitou-os a se tornarem fundadores de cidades. Eles alugavam ou compravam lotes nestas cidades para neles construírem residências ou palacetes; para lá se dirigiam aos domingos e dias de festas, afim de assistirem aos officios religiosos e levar ali uma vida de ostentação e de convívio social (Geffontaine, pag. 38).



PALACETE DE JM SENHOR DE SMOESHO
NA CAPITAL
(dos Viscondes do Livramento (Pernambuco))

Da obra de Gilberto Freyre





IV

A VIDA SOCIAL
NA CULTURA AÇUCARTEIRA COLÔNIAL

OS ESCRAVOS

A EXPORTAÇÃO DE NEGROS DE AFRICA

Se o emprego dos indigenas, como instrumento de produção, tinha sido um dos atrativos, e porventura o principal, da conquista, logo se começa a experiencia mostra não corresponder o efeito as tensões formadas. O indio sujeitava-se mal ao trabalho obrigatorio, succumbia ao esforço continuo, evadiva-se com frequencia para os matos nativos, rebelava-se muitas vezes. - O so remedio seria adaptar o sistema experimentado ja nas ilhas, onde a cultura prosperava, Madeira e S. Tomé: introduzir negros de Africa. Diarte Coelho, desde 1639, requeria licença para resgatar alguns, de sua conta, na Guiné. Pedro de Góis, em 1645, encomendava resenta ao socio que ficara no reino, afin de com eles fazer progredir as lavouras e o engenho. - Da costa da Mina, de Cabo Verde e S. Tomé, do Congo, de Angola e até de Mozambique, levados pelas naus da India, iam os trabalhadores a industria (Azevedo, paginas 254, 256 e 267).

Depois de chegado a um embarcadouro angolense, mandava o mercador construir pelos carpinteiros de bordo a casa de madeira, o quibangua, no meio do campo, onde lhe deviam trazer os lotes de cativos. Instalado nua a comitiva, em condições de começar o negocio, soava o gongom (especie de sino de ferro unido de cabo) avisando a vizinhança que estavam abertas as transações. Invariavelmente procurava-se em meio de excursos alcoolicos, e mesmo antes de desembarcar ja era posta de parte a aguardente que devia ser mandada a guisa de alvigeiras do regulo e principaes personagens da corte. Quanto mais bebida derramada melhores negocios em perspectiva. Era no geral mulatos, os intermediarios na operações de compra e venda, ou na procura de peças (Prado, I, p. 274).

- a) Chegada dos negociantes de escravos em Africa
- b) Comercio dos negociantes de escravos com negros em Africa
- c) Partida dos negociantes de escravos da costa de Africa



O CHEFE DE UM TRIBU DE NEGROS VENDE ESCRAVOS

CARACTERISTICO DA IMPORTANCIA A QUE LOGO ATINGIU O TRAFICO
de escravos em Hispaniola, em 1492, da era 1492, em 1492, em 1492,
concedido ao seu mordomo, o cavaleiro De la Raza, a primeira
licença de importação de 1.000

como faltar em Hispaniola, sua incumbência era também de sua
alçada importar escravos de contrabando (Lippman, p. 416)







Transporte de esclavos africanos

FEITORIA DE ESCRAVOS EM AFRICA

Em 1662 foi fundado a Company of Royal African Adventurers of England trading to Africa, patrocinada e aprovada pelo futuro rei Jacob II. Da Royal Africa Company (capital 11.000 libras), fundado em 1672, o rei tornou-se o maior interessado. O commercio realizava-se por uma especie de trafico triangular ininterrupto: os navios saíam para a America e de volta daí traziam os productos coloniais a patria.

No anno de 1723, o proprio Parlamento concedeu a Royal Africa Company um subsidio annual de 10.000 libras para a manutenção

Ainda no fim do século XVIII, época em que já se manifestava a America do que todas as demais potencias em conjunto, conforme prova a seguinte relação dum inglez para o anno de 1790.

Feitorias de escravos:

inglesas.....	1
3 francesas.....	3
10 holandesas.....	10
4 portuguezes	4
4 dinamarquesas	4

Negros exportados:

38.000
20.000 (20.000)
4.000 (?) (40.000?)
10.000
2.000

(Olbert, p. 8, 19 e 23).



EMBARCANDO ESCRAVOS SOB A PROTEÇÃO DAS BAIONETAS

Os traficantes de negros costumavam carregar os navios de Janeiro a março, estação mais favorável nas costas da África, onde em escravos, ~~maximamente~~ e os carregam para o Brasil outros para as Índias (Espanholas). Os resgatados nessa quadra custavam "pela terra dentro", dez milreis, ficando na costa para o mercador em 22 milreis, ou era "peça das índias". Quando iam para o Brasil pagavam uma taxa de tres milreis e seiscentos reis e quarente e dois milreis "avanços", e para as possessões espanholas sete milreis (Prado, I, p. 270).

A Inglaterra - como provam incontestavelmente estes fatos - lutou com a máxima energia e sucesso ao tráfico de escravos, cobrindo não só as necessidades próprias senão também as de todos aqueles que necessitam desta mercadoria e a passagem. Assim ela assegurou, durante séculos, a primazia e o lucro principal neste negócio, batendo de longe a sua concorrência (Olbert, p. 21 e 22).



TRANSPORTE DE ESCRAVOS SOBRE O MAR
(Desenho de Rugendas)

Terminado o embarque iam começar os horrores da viagem. Piorando sobre o tráfico cerca de 1860, escrevia Fr. Tomás de Mercado: "Apontavam em um navio, as vezes pequeno, quatrocentos ou quinhentos (cativos), e já o fedor ou catimba basta para matar os mais delas E para ~~maior~~ que ninguém pense que exagero, direi que não há quatro meses que dois mercadores saíram para Nova Espanha, de Cabo Verde, quinhentos em uma nau, e numa ao noite amanheceram mortos cento e vinte, porque os metram como porcos num chiqueiro, ou coisa pior, debaixo da coberta, onde o seu próprio fôlego e catimba (que bastavam para corromper com ares e tirar-lhes todo a vida) os matou. E houvera sido justo castigo de Deus por se juntarem aqueles homens bestiais que os levaram. E não parou nisso o negocio; antes de chegarem ao Mexico, morreram quasi trezentos (Prado I, p. 260).

As calamitosas condições higienicas a bordo dos navios negreiros existiam igualmente victimas e mais victimas. Por falta de agua e sitio se viveram corrompidos, velhos e jovens homens, mulheres e crianças pereciam miseravelmente na travessia (Mittler, v. 428).



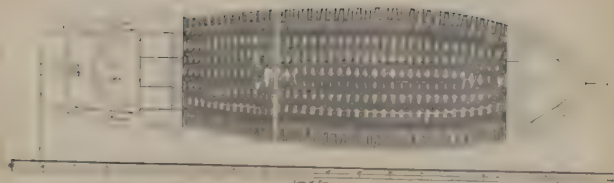
TRANSPORTE DE ESCRAVOS SOBRE O MAR

A espantosa cifra de casos fataes, durante o transporte
dos escravos, forçou as autoridades a estabelecerem regras para a
segurança dos navios. Em 1840, o governo britânico estabeleceu
a Lei de 1840, que obrigava os navios a ter um médico a bordo
e a fornecer água potável e alimentos para os escravos. A
Lei de 1840 também exigia que os navios fossem inspecionados
antes de partir. A Lei de 1840 foi a primeira lei que
estabeleceu regras para o transporte de escravos sobre o mar.
(Wintjen, p.489).



ALOJAMENTO DE ESCRAVOS NUM NAVIO NEGREIRO NOS PRINCIPIOS
DO SEculo XIX

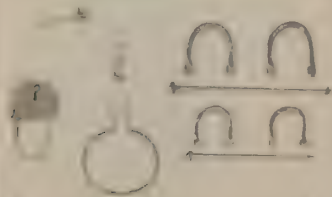
(Segundo uma publicação inglesa de 1823)



Alojamento da mercadoria humana num navio negreiro nos princípios do século XIX

ALOJAMENTO DE ESCRAVOS NUM NAVIO HUGUEIRO NOS
PRINCIPIOS DO SEculo XIX

(Segundo uma publicação inglesa de 1823)



Alojamento da mercadoria humana num cesto deireito
que principia do século XIX
constituido uma publicação inglesa de 1823.

DESEMBARQUE DE NEGROS NA COSTA DO BRASIL

(Desenho de Rugendas)

Chegava a escravidão cadaverica a vista da costa americana, os capitães aumentavam as rações de água e comida nos dias anteriores, e mais cuidados de costume. Ancorado o navio e transferida a carga para terra, estava cumprida uma parte do seu fadário; restavam as outras, menos intensas talvez em erros que a travessia, porém mais longas de vencer (Prado, I, pag. 305/6).



DESEMBARQUE DE NEGROS

A vida dos negros era dura, o trato duro, e as mortes,
talvez frequentes, obrigavam a renovar com frequência o pessoal.
Era comum ver os negros, amarrados por correntes de ferro
ao chão, a trabalharem junto das caldeiras. Os trabalhos
dura; castigava-se-lhes o corpo a golpes de aço.



MERCADO DE ESCRAVOS NA CIDADE MAURICIA

(Desenho em cores de Zacharias Wagner, 1637,
Gabinete de gravuras em cobre, Dresden,



NEGROS JOVENS ANTES DO LITLÃO

(Desenho de R. Gondas)

Para os dois grandes engenhos eram precisos de
100 a 200 negros, empregados na colheita, corte das lençóis
para fornalha, transporte e labutaço da fabrica
(Azevedo, p. 267)



TO BE SOLD & LET

BY PUBLIC AUCTION.

On **MONDAY** the 18th of **MAY**, 1829.

UNDER THE ORDER

FOR SALE.

THE THREE FOLLOWING

SLAVES,

MASSIEL, about 20 Years old, an excellent House Servant, of good Character.
WILLIAM, about 25 Years old, a Labourer.
NANCY, a young Girl, about 12 Years old, and her Mother, of good Character.

TO BE LET.

On the usual conditions of the Office, being open to Public View, and subject to the usual conditions of the Office.

MALE and FEMALE

SLAVES,

Also for Sale, at the same Place,

Five Kice, Gram, Paddy, Books, Muslins,
Needles, Pins, Ribbons, &c. &c.

BLUCHER.

Cartaz anunciando um leilão de escravos



MERCADO DE NEGROS

NEGRA ESCRAVA DA COSTA DE MINAS COM A MARCA A FERRO
DO CONDE MAURICIO DE NASSAU.

(Pintura por A. Eckhout para o livro de animaes de
Zacharias Wagner. Gabinete de gravura em cobre, Dresden)



Negra escrava com a marca a ferro do Conde Mau-
relio de Nassau. Pintura de Zacharias Wagner.
Gabinete de gravura em cobre, Dresden

(DESENHO DE RUGENDAS)

[illegible]



... DO SÉCULO XVII

Nos séculos passados, as relações reciprocas entre senhores e escravos muitas vezes foi difficile, o que se comprehende, porque, de um lado, os africanos arrancados meios selvagens da patria, nutriram contra os seus dominadores profundo odio, que, apesar de serem eles numerosissimos, não podiam manifestar senão por meio de um desprezo passivo e de tacita ma vontade. Por consequencia os barões fazendeiros deviam mostrar um rigor tão demedido, que não eram os seus escravos os unicos a soffrer, mas também os individuos de baixa condição com os quaes entravam em contato (Lamberg, p. 47).



710 194

Scena do século XIII um escravo chicoteado
(Reprodução da Relação, de Figueira).

CASTIGOS DOMESTICOS
(DESENHO DE RUGERIDAS)



FABRICANTES DE J A C A S
(Litografia de Victor F R O N D)

Em quase todas as fazendas ha officinas organizadas, para as primaras necessidade., as de carpintaria, ferreiro, alfaiate e pedreiro. A opulente fazenda brasileira tem, alem disso, seus pagens, cozeiros, estribeiros e cozinheiros, criados para homens e senhoras, que constituem o pessoal inativo (Ribeyrolles, II, p.36).



FABRICANTES DE JACAS

FABRICANTE DE CESTOS

Hoje como antes seculos o mesmo quadro
em grande escala a fazenda e o senhor
produzem mesmos os utensilios necessarios.



AS RENDEIHAS

(Litografia de V.Frend)

Grças as suas mulheres, a maior parte deles tinha entrado
dahi uma situação muito melhor, gozavam sobretudo o beneficio de verem
seus filhos educados e alimentados nos primeiros anos em
casa do senhor. (Lamberg, p.48).



AS RENDEIRAS
66

O Batuque

(Desenho de Rugendas)

O ultima dia de semana, começam de noite as danças, e o domingo seguinte e ainda toda a outra noite, até ao romper do dia velhos e moços, homens e mulheres, tudo dança, canta e pula com incrível resistencia e afecção, em um ritmo monotono que durante trinta horas a fio se conserva o mesmo, quer como melodia, quer como movimento.

A musica consiste com dissemos, no bater de tambores feitos de troncos de arvores secos e cobertos de couro não coitado. O ritmo da pancada é um compasso de sincopa, e a dança consiste em saltos iguaes dados em torno de um dançador. Este centro vivo e agitado gesticula como possesso e canta estrophas improvisados, a que outros respondem em coro, sempre com as mesmas phrases.

Essas danças fazem-se ao ar livre, consistindo a iluminação em fogueiras, que, porem, acabam por se apagar. Poderia pensar-se que esse barulho infernal cessa então; mas qual! Continuum a dançar mesmo as escuras (Lamberg, p. 316).



CAPOCIPAGUM

[Desenho de Rugendas]

Aqui é a canoeira, especie de dança pirrica, de
revidas e combativas, ao som de tambores.
[Ilustração de uma dança canoira]



MASSA DE 42

(Gravura de um original de Alberto van den Beekhout,
aluno de Rembrandt,



DANSA DE NEGROS

DANSA DE NEGROS
PSENAWEGUANS
(Obra de Sekhout)







DE UM ESCRAVO

(Desenho de Rugendas)

Os escravos no Brasil nos últimos quarenta anos, não eram em geral mal tratados, nem viviam melhor do que a grande maioria de trabalhadores europeus - Se um escravo ou alguém de sua família adoece, as despesas correm por conta do senhor e desta forma não lhe faltavam nenhum dos cuidados pessoais. Estava no entanto, submetido a grandes esforços físicos e morais, e a todas as forças físicas (Lamberg, p. 48).



Negra de Bahia no fim do seculo XIX

(Da obra de M. L a m b e r g)



M A E P R E T A

(Oleo de Lucilio de Albuquerque)

Na pretos que têm dedicação comovente pelo seus
senhores brancos (Lamberg, pag. 46).

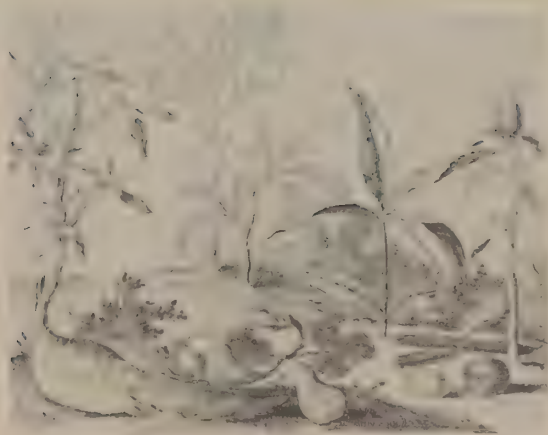


v

A CULTURA MANUSCRITA
UM APROFUNDAMENTO
DA CULTURA AGRÁRIA

PLANTA CARIÓTIPO
DE
A RAIZ DE MANDIOCA

A maior parte da America desconhece até agora o trigo
ou outro cereal. A natureza
seu arbusto viveja por toda parte em quantidade e
pelos brasileiros Manioba e Mandioba; a sua raiz chama
se diversamente mandioca.



PREPARAÇÃO DA MANDIOCA EM FERNAMBURGO NO SEC. XVII

A cultura da mandioca teve maior expansão geográfica, sendo a mais rustica de todas culturas brasileiras. Sempre foi espontaneamente a cultura do pobre. Se coagido o rico, o proprietario rural, o senhor de engenho, se dedicavam a sua cultura. A cultura da mandioca teve uma irradiação de aria somente comparavel com a da cana de açúcar. Poder-se-ia dizer ser a mandioca a irmã pobre da cana. Sobre o Brasil inteiro ha manchas de sua cultura, nas terras mais fracas dos engenhos, nas planícies, nas encostas, nos morros, nas partes mais distantes do bangüê, e as covas de mandioca se espalhavam nos engenhos e nas fazendas era uma cultura desprezada.

Nos pequenos sitios, na pequena lavoura, ela foi, como ainda é, a cultura genuinamente do pobre. Ha zonas em que se toma o termo "mandioqueiro" como sinônimo de estado social baixo, em contraste com o sentido nobiliárquico de "senhor de engenho".
(Carli, p. 300)



Preparação da farinha de mandioca
na maneira mais primitiva



Dessecando Maudica

Biotografia de Victor Frond

...a prepara-se da seguinte
...dessecada e lavada



DESCASCANDO MANGIOCA

Moagem da mandioca

(da obra de Wilhelm Piso, Hist. Nat. Bras., 1643)

Havendo descascada e levada a raiz, applica-se então a extremidade da mesma contra uma grande roda de quatro ou cinco pés de diametro, coberta por uma chapa de cobre ou de ferro repleta de furos com bordos cortantes, qual rala para mez-mesca a. O movimento continuo da roda rala a mandioca em pequenas particulas que vão caindo em uma gamela (Nieuhoff, p. 280).



A RASPAGEM DE MANIÓCA

(Litografia de Victor F R O N D)

A roda de raspagem é chamada, pelos brasileiros, Ibecem Ra-
baca, e, pelos portugueses, Roda de farinha. O recipiente é
denominado Cocho de ralar mandioca. Todavia, as pessoas
mais pobres têm de se arranjar com um ralo manual a que chamam
Tapiti (Nieuheff, p. 284/l).



A RASPAGEM DE MANDIOCA

Interior de um engenho de mandioca

A raiz, depois de ralada, vai para um saco tecido de fibras vegetais, medindo cerca de quatro polegadas de largura e que os portugueses chamam Espremedouro de Mandioca. Depois de cheio o saco, é o mesmo colocado em uma prensa, onde a mandioca já ralada perde todo o sumo (dotado de propriedades tóxicas), chamado Maniçuera ou Maniueira pelos Brasileiros e água de mandioca pelos portugueses (Nieuhoff, p.286).











PREPARAÇÃO DA RAIZ DE MANDIOCA

Interior de um círculo da meditação

capítulo XIX



PREPARAÇÃO DA RAIZ DE MANDIOCA
NO SÉCULO XIX

Foi completa a vitória do complexo indígena de mandioca sobre o trigo: tornou-se a base do regime alimentar do colonizador. Ainda hoje a mandioca é o alimento do brasileiro e a técnica de sua cultura, entre outros, é a mesma da cultura, quase que a mesma dos indígenas (Freyre, pag. 90).







